



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS: um olhar sobre a
aprendizagem escolar**

MARIA DO CÉU DA SILVA

LUIS GOMES - RN
2016

MARIA DO CÉU DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS: um olhar sobre a
aprendizagem escolar**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia a Distância do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da professora Ms. Cleucy Meira Tavares Lima.

LUIS GOMES - RN
2016

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS: um olhar sobre a
aprendizagem escolar**

MARIA DO CÉU DA SILVA

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia a Distância do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Ms. Cleucy Meira Tavares Lima (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ms. Rúbia Kátia Azevedo Montenegro
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Esp. Carmélia Regina da Silva Xavier
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS: um olhar sobre a aprendizagem escolar

Maria do Céu da Silva¹
Cleucy Meira Tavares Lima²

RESUMO

A presente pesquisa traz como objetivo principal analisar como ocorre o processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. O estudo é desenvolvido em uma escola localizada no município de José da Penha, no Estado do Rio Grande do Norte. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que busca apresentar considerações acerca do processo de alfabetização e letramento, e teve como foco um estudo de campo, com a intenção de descrever e interpretar a forma como os profissionais da educação, na referida unidade de ensino, trabalham a alfabetização e o letramento, de forma a favorecer a aquisição do conhecimento. Para tanto, a pesquisa teve como base teórica autores como Campos (2006), Piaget (1970), Soares (2004), Tfouni (2006), entre outros. Os resultados obtidos apontam para o fato dos educadores, nos dias atuais, considerarem que a criança leva os conhecimentos vividos no dia a dia para a escola, reconhecendo a necessidade de os introduzirem e contextualizarem no processo educativo, o que reflete na aprendizagem, promovendo a alfabetização com letramento.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Leitura.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo principal el proceso de alfabetización en los primeros grados de la escuela primaria. Analizar cómo es el proceso de alfabetización y alfabetismo en sus respectivas series a partir de una investigación realizada en la Escuela Estadual Major Felipe, ubicada en el municipio de José da Penha-RN. Se trata de una investigación cualitativa, un campo de estudio que trata de describir e interpretar cómo los profesionales de la educación del trabajo alfabetización y alfabetismo basado en la lectura y el reconocimiento de la realidad a la que pertenece el alumno, con el fin de favorecer adquisición de conocimientos. Por lo tanto, apoyamos los estudios del Campos (2006); Piaget (1970); Soares (2004); Tfouni (2006); entre otros. Los resultados indican que el proceso de alfabetización se utiliza hoy en día considera el conocimiento de que el niño lleva a la escuela, y reconoce la necesidad de introducirá la contextualización e interpretación de los diferentes declaraciones, lo que refleja la alfabetización adquirida a partir de numerosas lecturas.

Palabras-clave: Alfabetización. Alfabetismo. Lectura.

¹ Graduanda em Pedagogia – UFRN – doceu.silva@hotmail.com

² Mestre em Educação – UFRN – meiracy65@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Com o propósito de refletir sobre o processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, a pesquisa em questão teve como objetivo geral analisar como ocorre o processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais. Para tanto, foram elencadas as seguintes problemáticas: de que forma ocorre o processo de alfabetização e letramento na sala de aula? Como os alunos concebem a linguagem a partir de seu desenvolvimento social? Alfabetizar e/ou letrar: qual a diferença em um ambiente de aprendizagem? Essas questões geradoras nortearam a pesquisa, por considerar-se que ao adicionar o ato de ler e interpretar durante o processo de aquisição de aprendizagem nos anos iniciais, possibilitará a criança um domínio do mundo que a cerca.

O conceito de alfabetização foi sendo remodelado ao longo dos anos. Em princípio, entendia-se a alfabetização como um processo de codificação e decodificação de sistemas linguísticos. O fato de apenas se reconhecer o alfabeto, a sílaba e suas nuances foi deixando de ser considerado suficiente para considerar um indivíduo alfabetizado. Houve uma evolução em relação a aquisição de novas aprendizagens, um novo conceito surgiu para se completar o conceito de alfabetização, o letramento. Este tem como foco possibilitar ao aprendiz o domínio da leitura e da escrita e sua interpretação, o tornando sujeito participativo da sociedade.

A partir desse contexto, o trabalho em questão justificou-se pela necessidade de desenvolver uma pesquisa em campo, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na escola Estadual Major Felipe, município de José da Penha, no Estado do Rio Grande do Norte, buscando mapear informações a respeito do processo de alfabetização e letramento dos aprendizes e sua capacidade de interagir com o mundo a sua volta durante o processo de aquisição dos conhecimentos.

Para tanto, utilizou-se como aporte teórico os estudos de Campos (2006), Piaget (1970), Soares (2004), Tfouni (2006) entre outros. Esses estudiosos evidenciam a importância da leitura no processo de aquisição da linguagem, ressaltando a relevância para a formação dos profissionais da educação.

A escola possui uma grande responsabilidade na formação das crianças, pois nela confiam e, para se desenvolverem, necessitam sentir-se seguras para pensar e agir. Aprender a ler e escrever são processos cumulativos e perduram por toda a vida, são partes integrantes e indispensáveis para o processo do desenvolvimento do indivíduo na sociedade, que deve ser mediado pelos educadores nas salas de aula.

A formação da criança como ser social, capaz de exercer sua cidadania é importante e necessita do apoio e acompanhamento da família, da instituição escolar e da sociedade pois são indispensáveis para que o processo ocorra com sucesso.

No primeiro momento apresenta-se as discussões gerais sobre alfabetização e letramento em que surgem discussões sobre o conceito de alfabetizar e letrar, que embora teoricamente são concepções distintas, caminham lado a lado, no que diz respeito a decodificar e construir significações sobre determinados conteúdos.

Em seguida, evidencia-se a importância da leitura na sala de aula e suas práticas sociais. Ler com autonomia e proficiência é um requisito básico para a formação de um bom leitor, possibilitando o seu desenvolvimento cognitivo e sua ascensão social, portanto, faz-se uma análise do processo de aquisição da leitura com diferentes olhares, analisando-o com relação à função social na vida do indivíduo.

Relata-se, também, práticas de leituras, em que são consideradas a linguagem como eixo norteador, que conduz o aluno ao processo de ensino e aprendizagem, ou seja, na relação do homem com o seu contexto e sua ação na sociedade. Aborda-se, ainda, uma reflexão sobre o ensino da leitura e escrita no processo de formação do educando, mostrando a necessidade de se promover uma ação coletividade entre a escola e a sociedade para que se possa desenvolver leitores aptos aos desdobramentos da linguagem como um todo.

Por último, tem-se as configurações metodológicas e análises dos dados. Optou-se por uma pesquisa qualitativa, com o foco em um estudo de campo realizado por meio de observações e aplicações de questionários. Estes foram realizados com professores e com o coordenador escolar da respectiva instituição, que posteriormente foram analisadas por meio do método comparativo e descritivo.

2 ALFABETIZAÇÃO: concepções gerais

Devido a constante evolução científica e tecnológica, o processo de alfabetização passou a receber um novo status, isto é, passou a absorver novas significações que dizem respeito ao processo pedagógico e metodológico no exercício da docência.

A educação tradicional utilizava mecanismos de estímulo e resposta para obter a aprendizagem e o profissional da educação era o detentor do conhecimento e sua prática educativa se restringia a memorização e reprodução de conteúdo. Contudo, essa concepção

foi sendo modificada ao longo dos anos devido ao fato de os sujeitos aprendizes contemporâneos encontrarem-se inseridos em um mundo multiletrado, que permite o acesso as informações de forma imediata, através de uma variedade de sistemas comunicativos, exigindo competência e habilidades cognitivas para o exercício da cidadania.

Com isso, tornou-se necessário que professores e alunos sejam capazes de participar ativamente na sociedade na qual encontram-se inseridos, como membros transformadores e não apenas como meros espectadores. Neste sentido, o processo de alfabetização passou a considerar novas propostas pedagógicas, em que a integração com o meio social garanta aos sujeitos aprendizes uma educação de qualidade.

As propostas pedagógicas [...] devem promover em suas práticas de educação e cuidados a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivo-linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser total, completo e indivisível. Dessa forma, sentir, brincar, expressar-se, relacionar-se, mover-se, organizar-se, cuidar-se, agir e responsabilizar-se são partes do todo de cada indivíduo. (BRASIL, 2004, p. 15).

Com base nas orientações do Ministério da Educação e Cultura – MEC, os profissionais da educação devem promover atividades lúdicas, em suas salas de aulas, que desenvolvam o cognitivo linguístico e social da criança. Um desenvolvimento capaz de possibilitar sua inserção no mundo dos números e das palavras, associando esse conhecimento a sua realidade sociocultural.

O processo de alfabetização encontra-se, dessa forma, relacionado ao desenvolvimento do sujeito, posto que a criança ao chegar na escola já vem carregada de conhecimentos relacionados ao seu convívio social e, como ser inacabado, constantemente estará sujeita a transformações.

É preciso considerar que a alfabetização e a aquisição da linguagem implicam no domínio dos significados e sentidos vivenciados na sua interação social. Diante desse quadro, o Governo Federal vem dispor de inúmeros programas para subsidiar o processo educacional nas escolas públicas.

Tais programas são gerados a partir dos recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. O FNDE é uma autarquia criada pela Lei nº 5.537, de 21 de novembro de 1968 que, posteriormente, foi alterada pelo Decreto Lei nº 872, de 15 de setembro de 1969. A sua missão é oferecer assistência técnica e financeira, além de executar ações em prol de educação de qualidade.

Um dos primeiros investimentos, quanto a formação do professor alfabetizador, foi o Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA), seguido, após alguns anos, pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

O PROFA foi elaborado pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC) em 2000, mas foi implementado apenas em 2001. Inicialmente, para sua efetivação, teve como parceiros as Secretarias e Prefeituras. Contudo, essa parceria chegou ao fim no ano de 2002, quando o governo federal deixou de fazer parte do Programa. Por conseguinte, foi assumido, totalmente, pelas prefeituras, tendo como objetivo principal,

[...] a ampliação do universo de conhecimento dos professores sobre teorias de alfabetização e proveem situações de reflexão sobre sua prática profissional. O Programa visa nortear o trabalho do professor, oferecendo-lhe os fundamentos que vão da identificação da sua concepção teórica até a sugestão de mudanças na sua ação alfabetizadora (CAMPOS, 2006, p. 37).

Trata-se de um curso direcionado para a formação de professores alfabetizadores, em que as atividades são norteadas por leituras e interpretações textuais, bem como trabalhos individuais que refletem a ação de professor alfabetizador especializado.

Já em relação ao PNAIC, vale destacar que se tem um “compromisso formal assumido pelos governos Federal, do Distrito Federal, dos Estados e Municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental” conforme os PCNs (BRASIL, 2012, p. 43).

Esse compromisso é vinculado a manutenção da estrutura do curso, que está voltado ao fato de ter que fornecer material didático e pedagógico, bem como a formação continuada para os professores, avaliações, gestão, controle social e mobilização dos envolvidos nesta causa.

O regime de colaboração entre os entes Federados, determinado pela Constituição Federal, está definido no Art. 211 da Constituição Federal do Brasil (CF), que determina que “A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão em regime de colaboração seus sistemas de ensino” (BRASIL, 2004, p. 39).

Fica explícito a obrigatoriedade dos Estados e Municípios em assumirem o compromisso de desenvolver o Programa, devendo os Estados apoiarem os municípios para a efetiva implementação do programa.

Programas oferecidos pelo Governo Federal, em parceria com Estados e Prefeituras, podem fazer a diferença na prática educativa, demonstrando que o processo de alfabetização não se esgota e que os profissionais da educação devem evoluir.

Os professores alfabetizadores necessitam estar constantemente envolvidos em formações continuadas que proporcionem um bom embasamento teórico acerca da alfabetização e letramento, com fins a promover práticas educativas favoráveis a aquisição do conhecimento da criança.

2.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONCEITOS QUE SE COMPLEMENTAM

Estudos sobre o processo de alfabetização e letramento sempre foram colocados em debate. Esse fato se deve a importância da aquisição da linguagem, do nosso sistema alfabético, bem como da construção de sentidos advindos da inserção e contextualização do mundo ao qual o sujeito aprendiz pertence.

Para Ferreiro (1985) durante o processo de domínio da leitura e da escrita é preciso apropriar-se desse conhecimento, através da reconstrução do modo como ele é produzido. Isto é, é preciso reinventar a escrita. Uma reconstrução que só é possível a partir da construção social, da integração das crianças com o meio social a qual encontra-se inserida.

Compreende-se por alfabetização a decodificação do sistema alfabético da escrita, bem como dos elementos básicos ortográficos mas,, com os avanços tecnológicos e das metodologias de ensino, o tratamento dos conteúdos voltou seu olhar para uma nova maneira de abordar os diversos conteúdos, a transdisciplinaridade.

De acordo com Piaget (1978), transdisciplinaridade é o caminho para ultrapassar as disciplinas e construir um conceito global de conhecimentos que se relacionam entre si. Um conhecimento que transcende as salas de aulas e/ou espaço escolar, que incorpora elementos socioculturais dos sujeitos aprendizes.

Com essa nova forma de pensar, foi necessário rever a maneira como se estruturava o currículo escolar. Envolver o contexto social do educando tornou-se imprescindível, proporcionando o surgimento de um novo conceito para definir o processo de aprendizagem da leitura e escrita, o letramento.

Tal terminologia corresponde as mudanças acerca da leitura e da escrita e abrange linguagens verbais e não verbais para a efetivação da comunicação, isto é, do dialogismo entre seus falantes. Trata-se de uma nova concepção que exige, do docente, competência e habilidades pedagógicas para conduzir o processo levando o aprendiz a se apropriar do conhecimento.

É preciso, também, considerar que a criança se encontra inserida em um ambiente cuja as informações são mais acessíveis. Por isso, o professor necessita planejar, de maneira lógica e organizada, os caminhos a seguir.

A alfabetização e o letramento, de certo modo caminham lado a lado, um emoldurando o outro, na perspectiva que em um processo de múltiplas linguagens, sentidos e diferentes personagens, haverá sempre aquele que media o conhecimento, como também haverá o aprendiz que está no ápice da descoberta por um mundo de palavras e suas respectivas simbologias.

Soares (2004) é categórica ao defender que, para o indivíduo ser considerado alfabetizado precisa se apropriar do sistema de escrita ortográfica e ser capaz de empregar seu conhecimento no dia a dia, ou seja, estar letrado, sendo capaz de usufruir dos conhecimentos adquiridos. Trata-se de um,

Processo de representação de fonemas e grafemas ou vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados através do código escrito. Não se considera “alfabetizada” uma pessoa que fosse apenas capaz de decodificar símbolos visuais em símbolos sonoros, “lendo” por exemplo, sílabas ou palavras isoladas, como também não se considera “alfabetizada” uma pessoa incapaz de, por exemplo, usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua, ao expressar por escrito. (SOARES, 1985, p. 21).

Desse modo, podemos inferir que, tanto o reconhecimento de fonemas e grafemas, bem como a compreensão/expressão de significados, são requisitos fundamentais para que ocorra o desenvolvimento intelectual do aprendiz, ou seja, o sujeito falante será apto para ler, contextualizar e interpretar os diferentes signos (palavras) que permeiam a sociedade no geral, habilitando-os para, posteriormente, ter sucesso na vida pessoal e profissional.

Não se trata, apenas, de aquisição de código e, sim de incorporar as variantes sociais por meio de recursos e suportes textuais (gêneros discursivos), seja no registro informal (linguagem coloquial) e/ou formal (norma culta). De todo modo, a alfabetização está associada ao letramento, ambas se complementam.

Letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; é o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. (SOARES, 2004, p. 45)

Faz-se necessário estar aberto a realidade atual da sociedade quando o assunto é alfabetizar letrando. Freire (1998) já chamava a atenção sobre a importância de considerar

o espaço ao redor do aluno, onde convive diariamente e que é imensamente estimulador. Com isso, os responsáveis pela formação educacional das crianças devem possibilitar espaços em que a leitura e a escrita sejam exploradas significativamente e de forma abundante.

Alfabetizar letrando, na perspectiva que os aprendizes absorvam os conteúdos e não apenas memorizem estruturas gramaticais. Letrar significa exercitar a leitura e a escrita, seja por meio de contextualizações sociais, culturais, tecnológicas e/ou seja por uma simples palavra.

Para Tfouni (2006, p. 45), “o letramento resulta da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita”. Nesse sentido, ao utilizar estratégias que possibilitem a criança se alfabetizar letrando, o professor estará contribuindo na formação do sujeito leitor, capaz de atuar socialmente pois, de acordo com o PCN de Língua Portuguesa “ensinar a ler e a escrever textos torna-se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que os tornem necessários [...]”. (BRASIL, 1997, p. 34)

Desse modo, podemos elencar algumas situações que favorecem a aprendizagem como: a inserção de materiais inovadores, utilizar diferentes suportes textuais e variedades textuais, dentre tantos outros.

A exemplo, o Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica - PROEB iniciado em 2000 que objetivou a formação de professores de nível superior para atuação na educação básica de ensino municipal e/ou estadual. Uma iniciativa para melhorar o exercício da docência, de forma a complementar as atividades de leitura no processo educacional, que, por conseguinte, resultam em um trabalho qualitativo. Sobre o PROEB (2014) temos a respectiva informação:

Para ler palavras com compreensão, o alfabetizando precisa desenvolver algumas habilidades. Uma delas, bastante elementar, é a de identificar as direções da escrita: de cima para baixo e da esquerda para direita. Em geral, ao iniciar o processo de alfabetização, o alfabetizando lê com maior facilidade as palavras formadas por sílabas no padrão consoante/vogal, isso porque, quando estão se apropriando da base alfabética, as crianças constroem uma hipótese inicial de que todas as sílabas são formadas por esse padrão. Posteriormente, em função de sua exposição a um vocabulário mais amplo e a atividades nas quais são solicitadas a refletir sobre a língua escrita, tornam-se hábeis na leitura de palavras compostas por outros padrões silábicos. (BRASIL, 2014, p. 05).

Dessa forma, ler e escrever está relacionado a compreender o sistema linguístico, tanto a partir da formação básica da palavra, como também do seu uso. Hoje emprega-se, muito comumente, o termo alfabetizar letrando, pois reflete o domínio do indivíduo sobre o sistema linguístico e suas variações e aplicações no contexto social.

2.2 A LEITURA EM SALA DE AULA

Desde os primórdios o homem procura compreender o mundo que o rodeia. Mas como fazer para as informações e os conhecimentos não se perderem ao longo dos tempos? O registro surge como uma maneira de guardar-se as lembranças, inicialmente nas pedras, depois papiros, livros, computadores e atualmente, em “nuvens”.

A leitura, de acordo com Brito (2010), na maior parte das vezes está relacionada com a decifração dos códigos linguísticos e sua aprendizagem. No entanto, não podemos deixar de levar em consideração o processo de formação social deste indivíduo, suas capacidades, sua cultura política e social.

O mundo avança constantemente e a leitura não se perde no caminho, ela continua buscando seu lugar na sociedade. Para atrair leitores, os livros passam dos papéis para o ciberespaço, através dos livros digitais. O professor não pode se abster de utilizar esse espaço virtual para também trabalhar a leitura com seus alunos.

O ato da leitura na formação do educando é de suma importância, pois proporciona inúmeras possibilidades que só são possíveis pela mediação do outro, isto é, do profissional da educação que motivará os sujeitos aprendizes a se encontrem e se desenvolverem, tanto no ato de ler como no de escrever. Para isso, deve oferecer uma variedade de gêneros e/ou suportes tecnológicos nos quais se possa trabalhar também a escrita.

Os suportes em que a escrita é realizada foram sendo ampliadas e transformadas e hoje temos a escrita em papéis, livros, faixas de tecidos, madeira, televisão, legendas de filmes, embalagens, etiquetas, composições artísticas e mais recentemente tela de computadores. A escrita, então, nos marca de várias maneiras e com várias finalidades, ganhou um peso tão grande nas sociedades que as utilizam, principalmente jurídico, que em grande parte das situações sociais que vivemos a nossa palavra e a nossa voz são suficientes e necessário escrever e assinar. Tornou-se um marcador e separador social forte, também entre analfabetos e os alfabetizados gerando preconceitos e afastando milhões de pessoas de uma participação cidadã no espaço social. (MENDONÇA, 2006, p. 73)

Os conceitos mencionados, anteriormente, reforçam a ideia da extrema necessidade de trabalhar com uma educação mais humanitária, em que se sobressaíam oportunidades de aprendizagens. A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção e significações e é, “em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo” de acordo com Silva (1987, p. 45).

Ensinar as crianças a ler o seu próprio dialeto é fundamental para formar bons leitores, as habilidades das crianças como falante é decisiva para ser um bom leitor. É imprescindível que, em sala de aula, o profissional considere que cada criança tem seu ritmo próprio e, por deveras, precisa ser respeitado.

Não obstante, para que os educandos interajam e compreendam os textos, precisam de aulas atrativas e coerentes diante do interesse deles. Cabe ao educador a função de mediador, de forma que não desestimize a criança.

3 PROPOSTAS DE LEITURA EM SALA DE AULA

Como acentuado, anteriormente, a leitura é o princípio básico para a participação social efetiva do sujeito aprendiz, posto que é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso a informação, expressa e defende seus pontos de vista, partilhando ou construindo visões de mundo e produzindo conhecimentos. Sendo assim, cabe aos educadores a responsabilidade de garantir aos aprendizes o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania.

E, se a leitura é instrumento de ação reflexiva, notoriamente é preciso ressaltar a seriedade de sua inserção na vida do educando. Faz-se necessário que o educador se comprometa no papel de incentivador, para que isso aconteça, o mesmo deve incentivar e começar pelos conhecimentos prévios necessários. É importante que o leitor esteja totalmente comprometido com a leitura.

Dito isso, a leitura por prazer é o elo que liga ao conhecimento. E a partir desta ligação, o próprio ato de ler vai abrindo fronteiras para que seja realmente prazerosa, equilibrando com a formação crítica do leitor. Porém, é preciso enfatizar que o gosto pela leitura requer um longo caminho de trabalho, perseverante, com diversos tipos de leituras,

em que o papel do educador seja de criar situações nas quais os aprendizes ganhem, progressivamente, autonomia.

De acordo com Kleiman (1996, p. 27) “na aula de leitura, em estágios iniciais, o professor serve de mediador entre o aluno e o autor. Nessa mediação, ele pode fornecer modelo de estratégias específicas de leitura, fazendo previsões, perguntas, comentários”.

Essas estratégias que podem e devem partir da realidade do aluno, isto é, do contexto ao qual esteja inserido. Como exemplo tem-se a leitura de linguagens não verbais, que aguçam a sensibilidade crítica do aluno em construir seu próprio conhecimento, na medida que, no momento da interpretação e contextualização, o aprendiz associa seu conhecimento de mundo, assim como, adquire o conhecimento linguístico.

Do mesmo modo, temos a linguagem verbal, que reside desde uma reflexão de um dado enunciado e/ou até mesmo de uma única palavra, que contém significações, até a leitura de um livro, com uma história que acione o interesse do aprendiz.

São estratégias simples, que fazem parte do dia a dia tanto do educador quanto do aprendiz. Atividades de pinturas, recortes, desenhos, dentre outras tantas; desde que tenham sentido e estimulem a curiosidade da criança em decodificar a mensagem/conteúdo proposto. A mediação do professor e o domínio de tais estratégias só serão eficazes se o profissional da educação estiver atento a realidade e particularidades de seus alunos. Uma mediação que dá abertura ao crescimento da criança.

A leitura é a ferramenta de suporte na vida do aluno. Ao trabalhar com a leitura o educador deverá ter como finalidade a formação de leitores ativos e, formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê, que possa aprender a ler e a escrever.

Por isso, são necessárias condições favoráveis para a prática da leitura que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois na verdade leitura e escrita estão ligados, refletindo o processo de alfabetizar letrando.

O professor é o grande mediador, é a chave para a aprendizagem do aluno se atuar como facilitador da socialização e construção de ideias e conhecimentos. Este trabalho deve ser realmente desenvolvido para que a leitura seja uma prática pedagógica voltada para o futuro cidadão participativo e autônomo em suas decisões.

O mais importante, porém, é que numa escola transformadora, a articulação de conhecimentos produzidos por diferentes teóricos se a partir de uma concepção política da escola, visto que com espaço de atuação de força que podem levá-la a contribuir na luta por transformações sociais. (SOARES, 1995, p. 75)

Essa transformação social só poderá acontecer, quando os membros da sociedade em geral consideram que a leitura e o domínio da linguagem, em seus códigos e símbolos são primordiais para a formação do sujeito, com concepções políticas e educacionais.

Considerar essa nuance é resignificar a aprendizagem, compreender a capacidade de se apropriar do conhecimento e aplicá-lo em situações relativamente novas. A leitura não é apenas exercício escolar, mas uma forma de relação com o mundo pela construção de significados que permitem o aluno apoderar-se das referências básicas que o capacitam, e se relacionar ativamente e criticamente com a cultura e a sociedade em que está inserido.

4 CONFIGURAÇÕES METODOLÓGICAS

A pesquisa foi realizada em uma instituição de ensino da rede Estadual, a Escola Estadual Major Felipe, localizada no município de José da Penha - RN, com o objetivo de verificar o processo de alfabetização e letramento realizado nos anos iniciais do Fundamental I, bem como, identificar o nível de domínio dos alunos quanto a leitura, interpretação e escrita, sob o olhar do professor mediador.

Desse modo, será possível verificar se os docentes se preocupam em possibilitar, aos seus alunos, a aquisição do conhecimento que perpassa o simples domínio da escrita alfabética.

Para desenvolver a pesquisa, foi optado por se realizar um estudo de campo pois, conforme afirma Gil (2008, P. 26) “apresenta muito maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo do processo de pesquisa”.

O estudo de campo utiliza técnicas como a observação e instrumentos como entrevistas e questionários. Além disso utilizou-se de fontes bibliográficas para melhor assegurar e subsidiar a compreensão do objeto em estudo e da análise dos dados do tema exposto.

Sobre esse aspecto, Minayo (1992, p. 45) considera que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”.

Em relação aos métodos utilizados, optamos no primeiro momento, pelo descritivo, o qual coloca que “a pesquisa descritiva tem como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações

entre variáveis” (GIL, 2008, p. 78). E, para analisar as entrevistas optou-se pelo método comparativo.

O método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles. O método comparativo é visto como mais superficial em relação a outra. (IDEM, 2008, p. 61)

A escolha por esse método deve-se por ter-se que analisar fragmentos textuais advindos de um questionário constituído por dez questões, aplicado a professores e coordenador da respectiva instituição de ensino, *locus* da pesquisa.

A seguir serão realizadas as análises das amostras coletadas. Antes, porém, é importante frisar que foi assinado um termo de consentimento com os sujeitos escolhidos para uso dos dados (ver apêndice). Neste termo, foi esclarecido que a participação dos mesmos era voluntária e, que sua identidade seria preservada, dentre outros aspectos. Para tanto, os codificamos em PA, PB e C respectivamente, ambos, professores e coordenador da instituição de ensino.

4.1 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Diante das várias reflexões contidas no aporte teórico, podemos compreender que a alfabetização e letramento caminham lado a lado na prática pedagógica, que o próprio ato de ler e interagir com o mundo que cerca o educando os possibilita o domínio tanto social, quanto em relação ao processo de decodificação de sistemas linguísticos.

Para Freire (2002, p. 56) “a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo”. E, aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se, é antes de qualquer coisa, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não somente ter domínio de manipular mecanicamente palavras, e, sim uma relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

Analizamos as concepções e as práticas de incentivo da alfabetização e letramento numa perspectiva qualitativa. Com o intuito de refletirmos sobre as práticas mais motivadoras, estas que se apresentam como necessidades verdadeiras, ou seja, aquelas em que o leitor, segundo Freire (2002, p. 48) “[...] lê para libertar, sentir o prazer de ler, [...], ou ainda situações com um objetivo prático”.

Uma vez que, na perspectiva educacional, cabe ao professor, através da sua intervenção pedagógica, proporcionar situações significativas de ensino aprendizagem, em

que o saber previamente construído pelo aluno, na escola ou em seu cotidiano familiar e social, seja resgatado e relacionado no contexto escolar.

A pesquisa teve como fim, descrever o retrato de como está sendo trabalhada a prática educativa com vistas a alfabetização e letramento em sala de aula. Para efetivação desta análise, pretende-se refletir sobre cada resposta dos educadores.

Ao se abordar a primeira resposta das professoras A e B em relação a pergunta inicial: Como você vê a leitura no processo de alfabetização e letramento? Obteve-se as seguintes resposta:

PA: É a base fundamental de todo o processo de aprendizagem.

PB: Basicamente com o intuito de analisarmos as necessidades dos alunos diante de cada aprendizagem tanto quanto possível associada a realidade de cada um, a alfabetização associada ao letramento produz mais significados.

C: A leitura é de extrema importância para o processo de alfabetização, que unido ao letramento reflete a realidade da criança.

Observa-se, na fala da PA, que se refere à leitura como base fundamental no decorrer de todo o processo de aprendizagem dos alunos. A leitura como ponto para o processo educacional proporcionando a formação integral do indivíduo, sendo um dos pontos evidenciados por Freire (1998), quando este coloca que ao ensinar o professor também aprende e, isso associa-se a capacidade de ler, tanto professor quando aprendizes, a leitura proficiente, que possibilita a interpretação e contextualização dos enunciados.

Já a PB, enfatiza que o ato de ler deve ser trabalhado de acordo com as necessidades dos alunos dentro do seu contexto escolar, contribuindo para a sua transformação enquanto ser social, associando o letramento a alfabetização, o que posteriormente é enunciado pelo C, no qual coloca o ato de ler como peça chave para que ocorra a aquisição do sujeito aprendiz, de forma a refletir a capacidade de observar o mundo ao qual pertença, isto é, a se alfabetizar letrando.

Nesse ponto, Silva (1987, p. 45) acredita que “ler é, em última instância, não uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir, no qual o indivíduo compreende e interpreta a experiência registrada mesma e passa a compreender-se”. Você concorda? Obteve-se os respectivos dados:

PA: Concordo, pois, a partir do momento que um indivíduo aprende o que ler, e o que é lido para ele, passa a ver o mundo de outra maneira, coisa simples, rotineira, passa a fazer sentido, seu censo crítico fica mais amparado, torna capaz de opinar, concordar, reforçar ou rebater opiniões

criticando, sugerindo algo diferente, e é claro interagir mais e melhor com o próximo e com tudo ao seu redor.

PB: Sim, a partir do momento que a criança começa a juntar sílabas e formar palavras é como se ela estivesse descobrindo algo novo e inexplicável, pois tamanha é a satisfação que ela demonstra ao conseguir juntar e ler a palavra escrita.

C: Concordo, a leitura dá ao ser humano subsídios para que ele seja inserido na realidade, de forma consciente e crítica, e assim cresça no seu papel de cidadão participativo e, sobretudo, compreender o mundo em que vive.

Conforme as concepções apresentadas pelos professores PA, PB e C compreende-se que a leitura é essencial para a participação do indivíduo na sociedade, como ser integrante no meio que está inserido, apropriando-se dos mais diversos meios do uso da leitura, expandindo os diversos gêneros textuais. Como exemplo, uma receita culinária que a dona de casa, utiliza seus próprios meios linguísticos para prepará-la, apropriando-se, muitas vezes, do desconhecido.

Assim, a leitura é um subsídio que está vinculado a todos os fatores sociais, culturais, políticos e econômicos. Como bem situa Ferreiro (1985), o processo de alfabetização deve ser respaldado no contato com práticas sociais, em que a leitura e a escrita sejam evidenciadas a partir de seu uso funcional, isto é, nas práticas cotidianas.

Em relação a terceira questão: Você percebe que os alunos se interessam pela leitura exposta em sala de aula? Como eles demonstram esse interesse? Como isso reflete no processo de alfabetização e letramento?

PA: Sim, na maioria das vezes, eles querem ouvir o professor lendo e em seguida participam e leem também.

PB: Claro! Demonstrando através de suas articulações, desenvolvimento em sua aprendizagem, desempenho e permitindo assim a compreensão e facilidade para interpretar situações problemas, envolvendo a realidade deles.

C: Os professores têm que reconhecer que os alunos aprendem mais quando o material trazido para sala de aula parte da realidade deles. Que as leituras correspondem até mesmo a um momento lúdico literário, em que o prazer de ler torna-se motivador.

Na da terceira pergunta obteve-se as respostas apresentadas em que PA, faz uma revelação sobre os alunos que, na maioria das vezes, querem ouvir o professor lendo e participando ativamente deste processo, mostrando que motivar o leitor para a leitura requer muito mais que um incentivo através de palavras. É preciso transformar essa leitura em um momento lúdico literário, como foi colocado pelo coordenador. Quando isso

ocorre, a criança viaja nesse mundo de palavras e números e, como conseguinte, se alfabetiza letrando, isto é, interpretando e contextualizando as informações mensuradas.

Para Piaget (1978) a criança ativa sua capacidade cognitiva quando motivadas a um processo de aprendizagem e, para tanto deve ocorrer por meio da curiosidade e do prazer em aprender.

Em relação a esse questionamento, o PB apresenta pontos relevantes e articulações para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, proporcionando, aos mesmos, a compreensão de situações de aprendizagem relacionadas a realidade dos mesmos.

Quando indagados sobre na quarta questão, colocaram-se da seguinte forma: Para você a escola desempenha um papel fundamental no ensino da leitura, alfabetização e letramento? De que forma? Especifique.

PA: Com certeza, o incentivo da escola nesse sentido é muito importante, a escola desperta na criança o gosto pela leitura.

PB: A escola tem desempenhado muito bem no ensino da leitura, de forma prazerosa, levando ao aluno a pesquisar a incentivar o gosto pela leitura através de concursos e premiando aqueles que mais leu durante o ano letivo.

C: A escola, assim como nós da coordenação procuramos sempre motivar o professor a colocar em prática novas estratégias, estas que são propostas nos momentos de planejamento escolar.

A professora PA ressalta a importância do incentivo da escola na vida dos educandos, uma vez que a escola desperta a capacidade de aprender e proporciona novas maneiras de ver o mundo, entretanto não descreve como.

Já a PB analisa que a escola tem desempenhado muito bem seu papel quando incentiva a leitura, através de concursos e premio para quem lê mais durante o ano. Informações que estão em conformidade com o que o coordenador apresentou, no sentido de propor novas estratégias pedagógicas para a promoção de um ensino de qualidade.

Em relação ao quinto questionamento: Quais gêneros textuais são utilizados em sua prática de leitura em sala de aula? Estes possibilitam o processo de alfabetização e letramento?

PA: Fábulas, Quadrinhos, Literatura Infanto-juvenil e textos descritivos, narrativos e informativos que fornecem às crianças conhecimentos.

PB: Quadrinhos, poesias advindas, parlendas, trava-línguas, revistas, livros didáticos e outros.

C: Na sala de aula, os professores utilizam diversas modalidades textuais, desde de uma simples fábula até uma poesia. Usar variedade textuais possibilita a criança um amplo acesso ao conhecimento.

Como é relevante a ideia da PA, quando destaca o uso de fábulas, quadrinhos, literatura infanto-juvenil e textos descritivos, narrativos e informativos. Embora distintos em relação a sua estrutura, possibilitam, ao sujeito aprendiz, acesso a letras, números, assim como a cultura de um determinado lugar. Já, a PB, confirma que trabalha utilizando diversos tipos de textos que possibilitam abrir novos caminhos no repertório de visão de mundo, como, quadrinhos, trava-línguas, revistas, livros didáticos e outros, no entanto, não responde se eles possibilitam o processo de alfabetização e letramento. E, o coordenador acrescenta a importância do uso das diferentes tipologias textuais no acesso qualitativo a aquisição do conhecimento.

Sobre a sexta questão: Que estratégias você usa no dia a dia em sala de aula para incentivar a leitura, a alfabetização e o letramento?

PA: Cartazes, contação de histórias, dramatização, músicas poesias e textos informativos.

PB: Dramatização, danças, textos fatiados, dinâmicas, jogos, trabalhos individuais e em grupos, seminários de leituras, textos diversificados, fontes informáticas, etc.

C: Procuramos incentivar os professores a utilizarem o máximo de leitura possível, de diferentes formas e tipos. Que seja realizado leituras coletivas e individuais, para que a criança seja motivada e aprenda prazerosamente.

No que se refere a PA, a mesma ressalta que as estratégias que utiliza como cartazes, contação de histórias, dramatização, músicas, poesias, textos informativos contribuem na formação do ser humano. Na concepção da PB, comprova-se que atividades como dramatização, danças, textos fatiados, dinâmicos, jogos, trabalhos individuais e grupos, seminários de leitura, textos diversificados, fontes informativas, motivam os alunos a ingressar no mundo da leitura, uma resposta que foi retomada no olhar do coordenador.

Com relação à sétima questão: De que maneira você ativa os conhecimentos prévios dos alunos ao iniciar determinados eventos de texto/leitura, alfabetização/letramento?

PA: Desafiando-os a participar da leitura fazendo uma ligação com o que eles já conhecem do tema do texto ou história a ser lido.

PB: De maneira bem atrativa, fazendo várias articulações que estimulem os educandos utilizando estratégias que venham contribuir no seu processo de aprendizagem.

C: Cabe ao professor conhecer a realidade de seu aluno e agregue a sua prática docente.

A PA coloca que o educador deve desafiar os educandos a participarem da leitura fazendo uma ligação com o que ele já conhece do tema, do texto ou história a ser lida. Diante da compreensão da PB, a leitura deve ser trabalhada de forma atrativa, fazendo várias articulações, afirmando que as práticas de leituras mais motivadoras estimulam os educandos para o ato de ler e contribui no processo de aprendizagem. Em relação à resposta do coordenador, tem-se a retomada da realidade do aluno, contudo, isso não é responsabilidade apenas dos professores, a coordenação deve fazer parte dessa realidade e procurar motivar tanto professores quanto os alunos no caminho da aprendizagem.

Na oitava questão: Você concorda com Freire (2002,) quando ele destaca o valor do professor conhecer como o aluno pensa, seus interesses e necessidades? Diante disto terá referências para planejar atividades que sejam significativas?

PA: Concordo, pois quando o professor conhece os interesses e necessidade dos seus alunos, é capaz de planejar com eficiência aulas atrativas significativas e estimulantes facilitando a aprendizagem.

PB: Sim, dependendo do ponto de vista de cada criança no decorrer do ano letivo, frente as necessidades da turma na qual está lecionando.

C: Concordo com a ideia do autor, porque o conhecimento que o professor tem sobre o pensar, sobre o que pensam seus alunos, deve ser utilizado no planejamento situações didáticas significativas adaptadas e apropriadas as necessidades de aprendizagem dos alunos.

Diante das respostas dadas pelos professores PA, PB e C constata-se que todos possuem uma visão clara e precisa sobre a necessidade de se considerar a realidade de cada educando, objetivando fazer um planejamento adequado ao nível da turma.

O professor, a partir do momento que conhece a vivência do seu aluno, tem que buscar ser flexível em suas atitudes, criando um laço de afetividade, fazendo com que o educando sintam-se capaz de desenvolver suas habilidades, estimulando a criatividade em sala de aula, socializando e aceitando as diferenças com naturalidade. Freire (1998) coloca em seus pressupostos teóricos que o profissional da educação deve partir da realidade do aprendiz e, dessa forma promover estratégias pedagógicas que desenvolva suas competências e habilidades.

Na nona questão: Na sua opinião, como a família pode estimular a criança ao gosto pela leitura, de forma a proporcionar uma alfabetização e letramento qualitativo? Os educadores responderam que:

PA: Lendo, lendo e lendo muito, sempre, para ela com empolgação, com alegria, disponibilidade, portadores de textos em vários ambientes e estimular, a ler e a valorizar a leitura que a criança faz.

PB: De várias formas, basta fazer o acompanhamento da atividade de casa ler, com a criança incentivando e despertando nos mesmo o interesse pela leitura e escrita através de elogios.

C: A família deve escolher um estilo de livro que esteja de acordo com a faixa etária com temas que a criança goste, deixar os livros sempre ao alcance das crianças e ler junto com ela sempre estimulando e incentivando a participação das crianças no momento da leitura.

Ambos os educadores constataram que existem diferentes meios para a família valorizar e incentivar a criança a despertar o gosto pela leitura. Segundo Sandroni e Machado (1998, p. 12) “numa casa onde os pais gostam de ler mesmo que não disponham de uma boa biblioteca a criança cresce valorizando naturalmente aqueles cheios de sinais que conseguem prender a atenção das pessoas por tanto tempo”.

A criança percebe, desde cedo, que o livro é uma coisa que dá prazer. Os pais que não tem hábito de ler deveriam pensar na importância de tentar mudar esse comportamento, tanto em benefício dos seus filhos, quanto de si mesmo.

A décima e última questão: Em sua opinião qual a importância da leitura e escrita para o indivíduo na sociedade? Obtemos as seguintes respostas:

PA: A leitura e a escrita são importantes para que o indivíduo torne consciente de tudo que acontece ao seu redor, para que possa registrar e compreender suas aprendizagens suas descobertas ler e interpretar os conhecimento e experiências da humanidade registrada na forma escrita.

PB: É de suma importância tanto a escrita quanto a leitura para o indivíduo, pois se ele não tem uma boa leitura, não escreve corretamente e fica difícil assumir cargos públicos, ou outro emprego qualquer que exija a prática da leitura e escrita.

C: A importância da leitura e da escrita é essencial para o desenvolvimento individual e social do indivíduo, apresentando um melhor entendimento do seu meio.

A PA enfatiza que a leitura e escrita são ferramentas capazes de desenvolver os processos cognitivos da criança, capazes de criar indivíduos críticos, reflexivos para perceberem e modificarem o mundo.

Para a PB a leitura e escrita são ferramentas essenciais na construção do cidadão, facilitando a sua inserção no mercado de trabalho de forma satisfatória, para o seu crescimento em todos os fatores como indivíduo integrante nos grupos sociais.

Já o coordenador, coloca que a leitura e a escrita são agentes transformadores que contribuem, de forma significativa, no desenvolvimento individual e social da criança, fortalecendo o processo de alfabetização e letramento. Segundo Freire (1981) “o ato de ler

é importante, pois modifica a maneira de como enxergamos o mundo e adquiridos uma visão criativa sobre o mundo”.

Portanto, ao analisarmos as respostas dadas pelos professores e coordenador da escola, foi possível perceber que a leitura, na concepção de todas elas, é importante para o processo de aprendizagem dos alunos e, conseqüentemente, contribuem no processo de alfabetização e letramento, posto que torna o indivíduo construtor de sua própria cidadania e, ao decodificar os signos linguísticos a sua volta, o aprendiz ativa seu senso crítico social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa foi possível constatar como é importante a formação docente para o trabalho a ser desenvolvido nos anos iniciais do ensino fundamental. É preciso que haja a compreensão de como ocorre a apropriação da leitura e da escrita pela criança, entendendo o conceito de alfabetização e letramento para que se organize melhor a intervenção em sala de aula.

A partir das posições de alguns teóricos, foi possível compreender como ocorre o processo de leitura que está, intimamente, relacionada a escrita. Estas estão associadas ao ato de alfabetizar e letrar, principalmente no que diz respeito ao contexto social do aluno.

A leitura, como atividade de grande relevância, atua, em qualquer área do conhecimento. Por isso, é através do hábito de ler, que o ser humano pode ter consciência das suas necessidades, promovendo assim, a sua transformação. Um hábito que, estimulado constantemente nas salas de aulas, contribui para uma educação de qualidade. Entretanto, são necessárias empregar estratégias pedagógicas diversas para que que tornem esse momento um ato prazeroso.

Esses estímulos foram elencados no trabalho através do papel incentivador da família e da escola. Visto que esta problemática discorre do fato de que os pais devem ter uma atuação constante na vida dos seus filhos, mostrando-os a importância e o poder da leitura no momento da decodificação dos signos linguísticos (alfabetização) e da capacidade de interpretação e contextualização (letramento), de modo que desenvolvam o hábito de ler, desde pequeno.

Já no âmbito escolar, questiona-se o papel do educador como mediador da leitura, do processo de alfabetização e letramento, como também do próprio leitor, porque o

professor, antes de tudo, deve ser um leitor, demonstrar ter hábito e gosto por leituras diversificadas, pois motivará o aluno no caminho das múltiplas aprendizagens.

Nesse contexto, há a necessidade do despertar para o trabalho coletivo, desenvolvendo a prática da leitura no momento em que se ensina a criança, desde as primeiras palavras. O conhecimento está em constante evolução, e a sociedade exige que os professores definam a sua prática pedagógica para atenderem as necessidades dos alunos, e garantindo uma formação adequada para o mundo do trabalho e o exercício da cidadania.

O foco desse trabalho foi esclarecer o fato de que alfabetizar e letrar, vai além do ensino de palavras soltas, elas devem propiciar ao indivíduo um espaço na sociedade, possibilitando sua interação com a informação através da leitura para que haja um leitor eficaz e um cidadão crítico na construção de novos conhecimentos, fazendo com que os mesmos se percebam como seres históricos e sociais.

É necessário que a ação educativa, no ensino fundamental, aconteça utilizando-se das diversas formas de linguagem, estimulando a socialização, o desenvolvimento da criatividade e da autonomia, formando um ser social e construtivo, levando a criança a sua própria interpretação e contextualização do que acontece ao seu redor.

A pesquisa possibilitou responder as questões elencadas, permitindo alcançar os objetivos propostos. Por ser um tema em constante transformação, haverá a necessidade de, posteriormente, complementá-lo com outros estudos, posto que a temática alfabetização e letramento refletem, continuamente, a prática educativa e essa vive em constante mudança.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 1ª à 4ª Série. Brasília: MEC/SEF, 2002.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Portuguesa** Ministério da Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1997.

BRITO, D. S. **A importância da leitura na formação social do indivíduo**. 2010. Disponível em: http://www.fals.com.br/revela12/Artigo4_ed08.pdf. Acessado em 30 de outubro de 2015.

CAMPOS, R. G. M.. **O Programa de Formação de Professores Alfabetizadores – PROFA - e suas implicações pedagógicas**: concepção de alfabetização, atuação

profissional e resultados obtidos. 2006. 120 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Mestrado em Educação, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006.

FERREIRO, E. **Psicogênese da Língua escrita**. Tradução de Diana M. Linchestein e outros. Porte Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortes, 1998.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortes, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

KLEIMAN, Â. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo da criança imitação, jogos sonhos, imagens representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SILVA, N. **O ato de ler fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1987.

SOARES, M. B. **Letramento um tema em três Gêneros**. Belo Horizonte. Autentica, 1985.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TFOUNI, L. V. **Escrita, alfabetização e letramento**. São Paulo. Cortez, 2006.

VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida**. Rio de Janeiro: Quality Mark, 1997.

